



Curso de Especialização em Psicopedagogia e Tecnologias da Informação e Comunicação na modalidade a distância



O Professor Alfabetizador e o uso das Tecnologias

Daniele de Almeida Pereira
Professora Orientadora: Silvana Corbellini
2015

RESUMO:

O presente artigo problematiza a importância do uso das tecnologias nas turmas de alfabetização e as contribuições psicopedagógicas para a reflexão do professor na utilização desses recursos no ambiente escolar. Nesse Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Psicopedagogia e Tecnologias da Informação e Comunicação na modalidade a distância, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e o referencial teórico que norteou o trabalho foi Emilia Ferreiro, Ana Teberosky, Nadia Bossa e Alicia Fernández. Constatou-se que com o passar dos anos as tecnologias estão cada vez mais ganhando espaço em nossas vidas e seu uso está presente nas nossas atividades diárias como nos supermercados, farmácias, lojas, academias. Assim, aponta-se que a escola não pode estar separada do mundo em que a criança vive, pois é através da interação com o mundo que a criança concretiza seus conhecimentos. As tecnologias surgiram para ampliar e integrar os conhecimentos de forma rápida e acessível a todos, por isso, torna-se impossível deixá-la de fora de nossas escolas. Considerando a alfabetização como uma etapa significativa na vida do educando, analisando o papel do professor que alfabetiza como fundamental e ainda, compreendendo as tecnologias como

parte da vida de alunos e professores, este artigo busca fazer reflexões sobre o uso das tecnologias nas turmas de alfabetização e sobre a atuação preventiva do psicopedagogo institucional no contexto escolar.

Palavras-chave: Alfabetização; Psicopedagogia; Tecnologias; Aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente não é preciso muito esforço para perceber as mudanças que acontecem no nosso dia-a-dia. O avanço é percebido em todas as situações da nossa sociedade e por isso, afirma-se que a escola não pode ficar de fora desse movimento.

Com isso, a preocupação com o rumo das mudanças tecnológicas, impõe à área da educação um posicionamento crítico na forma de agir no uso das tecnologias. É necessário o olhar do professor nesse aspecto, mediando e orientando situações de aprendizagens, e despertando nos alunos a curiosidade e utilizando as tecnologias como ferramenta de seu trabalho.

Nas turmas de alfabetização a utilização das tecnologias pode-se tornar um aliado, sabendo incluir esses recursos no planejamento e com atividades desafiadoras, os alfabetizadores conquistam espaços e podem despertar interesses de conhecimentos estimulando à pesquisa. Desta forma, os profissionais de educação passaram a buscar novas competências para ensinar, transformando a proposta mecânica em processo que precisa ser estimulado e com significado para o educando. Ter conhecimento de como o aluno constrói seu saber, quais situações que despertam seu desejo de aprender e considerar as aprendizagens significativas são intervenções que o psicopedagogo institucional pode propor com situações comprometidas com a melhoria das condições de aprendizagem.

Com essas considerações, procurou-se nesse trabalho, refletir sobre o papel do professor alfabetizador e o uso das tecnologias e as contribuições psicopedagógicas no ambiente escolar.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, priorizando-se autores como Emilia Ferreiro, Ana Teberosky, Nadia Bossa e Alicia Fernández.

2 O USO DAS TECNOLOGIAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Houve uma época na qual o papel e o lápis eram instrumentos indispensáveis para escrever, tanto na escola como fora dela. Mas, com o passar do tempo, a máquina de datilografar, primeiro, e os computadores, depois, foram invadindo os mais diversos ambientes, e a sala de aula não foi cedendo esse espaço com a mesma proporção. É importante refletir, se os equipamentos tecnológicos fazem parte do dia-a-dia das pessoas, incluindo nossas crianças, que os usam socialmente para redigir, não há porque ignorá-los nas atividades de alfabetização. O que muitas vezes ocorre, é o fato dos educadores não estarem preparados para a utilização desses recursos, deixando-os fora de seus planejamentos.

O professor precisa estar em constante formação, preparando-se para interagir com uma geração mais atualizada e que necessita estar mais informada, promovendo uma inserção crítica do aluno na sociedade, e possuindo uma alfabetização tecnológica, desmistificando alguns aspectos construídos no decorrer de sua história. Com isso, percebe-se a necessidade que não basta somente alfabetizar, mas é preciso viabilizar às pessoas a oportunidade de contato com diversas práticas sociais de leitura e escrita.

Nesse aspecto, Ferreiro (2003) muito contribuiu para a mudança de postura do alfabetizador, trazendo a este o entendimento de que a alfabetização envolve um complexo processo de elaboração de hipóteses sobre a representação linguística. Assim, a autora deixa claro que alfabetizar deixa de ser apenas a apropriação mecânica, mas que esta perpassa esse conceito, necessitando, então, para sua concretização, acontecer simultâneo ao processo de letramento. Este letramento é capaz de trazer a compreensão da dimensão sociocultural da língua escrita e do aprendizado. Neste sentido, Tfouni (1995, p.20) afirma que “o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de uma sociedade”. Afirma também que, alfabetizar e letrar necessariamente devem ser simultâneos. Assim, podemos entender que a alfabetização é parte do letramento, mas não sinônima dele. Para a autora, não há grau zero de letramento, assim como não há letramento finito, consolidado e sim, que se trata de um processo em constante desenvolvimento. Soares (1998) pontua que letramento é o estado ou condição de quem responde adequadamente as intensas demandas sociais pelo uso amplo e diferenciado da leitura e da escrita.

Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se letramento que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever pra atingir diferentes objetivos – para informar-se, para interagir com os outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio a memória, para catar-se...; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos, habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever, atitudes de inserção afetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor [...] (SOARES, 2003, p.92).

Em síntese, letramento é fazer uso social da “tecnologia da escrita”, compreendendo as habilidades de ler e escrever, informar-se no imaginário, estética, conhecimento, imergir no imaginário, interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de texto, utilizar a escrita para encontrar e fornecer informações e conhecimentos. Considerando-se o uso das tecnologias nas turmas de alfabetização, um interessante ambiente de estímulo para as situações de letramento.

Ferreiro (2001) ainda ressalta que o processo de alfabetização não depende somente do alfabetizador, deixando claro que o educando deve construir uma relação entre linguagem oral e escrita para se alfabetizar.

Soares define:

Alfabetização é dar acesso ao mundo da leitura. Alfabetizar é dar condições para que o indivíduo - criança ou adulto - tenha acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, enquanto habilidades de decodificação e codificação do sistema de escrita, mas, e, sobretudo, de fazer uso real e adequado da escrita com todas as funções que ela tem em nossa sociedade e também como instrumento na luta pela conquista da cidadania plena (1998, p.33).

A autora entende por alfabetizado o indivíduo que adquiriu as habilidades da leitura e da escrita, e que este possui condições de codificar e decodificar a linguagem escrita. Portanto, compete ao professor realizar suas práticas de maneira contextualizada, utilizando as tecnologias como um recurso que abrange inúmeras possibilidades, não apenas de forma lúdica, mas fazendo conexões entre a escola, as tecnologias e a aprendizagem.

É necessário buscar um novo olhar sobre a aprendizagem e o professor tem como uma de suas funções, a de criar as condições para que o aluno possa exercer a sua ação de aprender participando de situações que favoreçam isso.

Fernández (2001) destaca que é preciso permitir que o aluno possa mostrar o que já sabe: a ideia, ou as opiniões, ou as hipóteses que tem a respeito do que lhe é ensinado. Segundo a autora, para que ocorra a aprendizagem, é preciso que quem aprende possa conectar-se mais com seu sujeito ensinante do que com seu sujeito aprendente, e quem ensina possa conectar-se mais com seu sujeito aprendente do que com seu sujeito ensinante.

Para Ferreiro, “[...] desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças” (1996, p.24). Como as crianças constroem hipóteses sobre a escrita e seus usos a partir da participação em situações nas quais os textos têm uma função social de fato, frequentemente as cartilhas não agregam situações reais e significativas de aprendizagem.

Piaget (1973) destaca, quando o aprendiz encontra contradições para a própria condição de aprendizagem, ele se coloca em um conflito cognitivo, que vai gerar necessidade de superação das

hipóteses inadequadas através da construção de novas teorias explicativas.

Nesses momentos, a atuação do professor é fundamental, pois precisa estar atento às hipóteses criadas pelos alunos e mediar situações que despertem o desejo de aprender com intervenções que tenham significado para ele. E, aliando o bom uso das tecnologias, com o uso de outros recursos, as crianças têm mais uma possibilidade de entrar em contato com outros desafios. Para Alves, “Todos os homens, enquanto crianças têm por natureza, o desejo de conhecer” (2009, p.10).

De acordo com Ferreiro (1999) os recursos tecnológicos não são a salvação para o déficit de conhecimento em leitura e escrita. Mas, com a ajuda deles ocorrem práticas que levam à alfabetização, interagindo com os fatos e acontecimentos de nosso tempo.

A autora destaca também algumas contribuições das tecnologias para o ensino como:

- ⑩ Deixam mais acessível uma grande diversidade de textos (o que é essencial para alfabetizar);
- ⑩ Dão mais autonomia ao aluno (já que ele tem à disposição ferramentas que apontam falhas na escrita independente das indicações do professor, como corretores ortográficos);
- ⑩ Reforçam a ideia de que os professores e os livros não são a única fonte de informação.

3 O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL PERMANENTE

Ao analisar o contexto do processo da aquisição da escrita e verificando a importância do uso das tecnologias nas turmas de alfabetização, é preciso destacar a necessidade de uma formação continuada docente. A alfabetização se dá em um espaço de buscas, conquistas e descobertas. E o professor alfabetizador precisa estar atualizado e com conhecimentos capazes de despertar o interesse, a curiosidade e o desejo dos alunos.

O professor deve estar envolvido na busca de novos conhecimentos e determinado no processo de alfabetização tecnológica. Para compreender a alfabetização tecnológica do professor é necessário perceber que a sociedade passa por constantes transformações e que a escola não pode ficar separada de tudo que acontece no mundo. Com isso, é importante observar as transformações que ocorrem nas relações do homem com o mundo, e que nossos alunos estão atentos, curiosos e interessados nessas mudanças.

Para Sampaio e Leite, “A escola precisa contar com professores capazes de captar, entender e utilizar na educação as novas linguagens dos meios de comunicação eletrônicos e das tecnologias, que cada vez mais se torna parte ativa da construção das estruturas de pensamento de seus alunos” (1999, p.18). Assim, como a escrita adquiriu importância fundamental na sociedade, nas formas de registros e nas mudanças pelas quais a sociedade passou, é preciso analisar a importância que o uso das tecnologias oferece no cotidiano escolar.

É necessário se pensar numa escola que forme cidadãos capazes de lidar com os avanços tecnológicos, participando, criando e analisando criticamente suas funções e utilidades. O sujeito deve estar preparado a buscar, investigar e pesquisar; pois o conhecimento está em constante transformação. Conforme Sampaio e Leite,

Essa capacidade será necessária para utilizar as tecnologias e suas diferentes linguagens com o objetivo de atingir o aluno e transformá-lo em um cidadão também capaz de entender criticamente as mensagens dos meios de comunicação a que é exposto, além de saber lidar, no dia-a-dia, com os outros avanços tecnológicos que os rodeiam (1999, p.19).

De acordo com Perrenoud (1999, p.57), “um estudante será levado a construir competências de alto nível somente confrontando-se, regular e intensamente, com problemas numerosos, complexos, realistas, que mobilizem diversos tipos de recursos cognitivos”. E assim, é necessário o professor conhecer as competências que os alunos já dominam a fim de problematizá-las e mediá-las com as situações existentes, tornando-as significativas e estimulantes para nossos alunos. Dessa maneira pode-se estimular a pesquisa como atividade que investiga e propicia situações de interesse e de transformação.

Conforme Demo (2006), podemos conceituar a pesquisa como uma atividade processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e a sociedade nos impõem. O espírito investigativo, a curiosidade, a necessidade de mudanças fazem parte de nossos alunos, e se despertamos o desejo de aprender estaremos formando um sujeito que se identifica com a pesquisa. É nessa perspectiva que o professor deve agir, despertando a curiosidade de seus alunos, incentivando a pesquisa, transformando o sujeito. Becker (2008) afirma que é preciso transformar-se a escola mais em laboratório e menos em auditório.

É necessário investir na formação dos professores, para que possam desenvolver competências necessárias para atender os alunos nesse processo de alfabetização, em que as crianças demonstram curiosidade, interesse e busca de soluções. Somente com um trabalho interativo, criativo e reflexivo que os interesses dos alunos serão atingidos e, não de termos um grande número de alunos reproduzindo atividades por imitação.

Fernández (2001, p.26) aponta que não cabe ao psicopedagogo buscar culpados, mas sim investigar as causas, fraturas e, acima de tudo, apontar novos caminhos, novas estratégias de ensinar e aprender. Assim, esses caminhos devem fugir de paradigmas e permitir o novo, o criativo, o lúdico.

Para Sampaio e Leite (1999, p. 69), “A formação, inicial e continuada, pode possibilitar aos profissionais analisar criticamente as transformações da realidade e agir sobre elas, construindo e praticando novas propostas pedagógicas que estejam voltadas ao atendimento das necessidades populares”. Com isso, as mudanças propostas só serão possíveis se atingirem os professores e alunos, muitas vezes acomodados em uma zona de conforto e incapazes de protagonizarem as

mudanças necessárias para uma nova prática. É preciso que o educador experimente, através de cursos, leituras e práticas, maneiras e formas de utilizar as tecnologias para contribuir e enriquecer seu fazer pedagógico.

É preciso que o professor reflita nas suas ações e nas práticas pedagógicas, não sendo o único agente do processo de aprendizagem e não deixando as tecnologias fora do ambiente escolar. O explorar as possibilidades dadas pelas tecnologias e pelos ambientes virtuais torna possível trabalhar de forma inovadora e incentivadora com nossos alunos.

Aponta-se para a necessidade do professor não temer e sim, dominar a máquina e aproveitar o potencial da tecnologia buscando um ensino e uma aprendizagem mais rica, criativa colaborativa e interativa. É necessário conhecer as vantagens e desvantagens, procurando mediar o processo de conhecimento do aluno de maneira crítica. Requer ficar atento para o desenvolvimento crítico do aluno, e não somente como uma ferramenta solta e sem objetivos.

Com esse novo olhar com o uso das tecnologias, o professor deverá ser um agente de mudança na mentalidade e na atitude, analisando o processo de aprendizagem, compreendendo o caminho percorrido e buscando alternativas e soluções para as situações apresentadas. O professor precisa oportunizar atividades que desenvolvam o espírito crítico e participativo dos alunos, estimulando a curiosidade para a busca da informação mais relevante, do saber lidar com essa informação e, não de apenas aceitá-la. Ao estimular esse ambiente de aprendizagem o professor transforma a informação em conhecimento.

Com isso, a psicopedagogia pode ser vista por não somente se preocupar com os conteúdos aprendidos ou não, mas sim, também no interesse de como se posicionam os ensinantes e aprendentes e a procura do como se dá a relação com o conhecer e o saber.

A docência envolve o professor em sua totalidade, significando um compromisso consigo mesmo, com o aluno, com o conhecimento e com a sociedade e sua transformação. Com esse enfoque, na busca dessas múltiplas dimensões, que a formação continuada permite ultrapassar os limites da sala de aula, enfrentando questões maiores que lhe atribuem um caráter educativo mais amplo do que de simples instrução ou de transmitir um conhecimento.

Para Vygotsky (1989), com o professor assumindo o ensino como uma prática de mediação, há necessidade de debates, troca de ideias, questionamento das hipóteses, propondo e estimular novas pesquisas, assumindo assim a condição de professor-investigador.

Nessa concepção construtivista, na qual o conhecimento é visto como produto da ação e reflexão do aprendiz é preciso analisar que o conhecimento novo aparece como um resultado de ampliação, diversificação e aprofundamento do conhecimento anterior que já detém. Assim sendo, é inerente à própria concepção de aprendizagem que se vá buscar o conhecimento prévio que o aprendiz tem sobre qualquer conteúdo (WEISZ, 2000).

Quando se trabalha com um modelo de aprendizagem construtivista e um modelo de ensino pela resolução de problemas, as exigências são necessárias para o desenvolvimento das propostas. Nesse enfoque, a atividade de ensino do professor vai ter de dialogar com a atividade de aprendizagem do aluno. Para isso ele vai precisar considerar muitas variáveis e tomar outras tantas decisões, o que equivale assumir um alto grau de autonomia. Para dar conta dessa nova demanda é preciso condições de desenvolvimento profissional e de qualificação diferentes das que vêm sendo oferecidas, no geral, aos professores.

Dessa forma, os conhecimentos tecnológicos e o uso da TICs na sala de aula, devem estar juntos nessa caminhada. O professor, que está em constante formação, buscará alternativas e utilizará esses recursos que estão presentes no nosso dia-a-dia. Essa formação deve ser permanente, pois envolve um trabalho de reflexão e de estudo por parte do professor, como acontece em grande parte das profissões. Um ensino de qualidade está diretamente relacionado com um professor bem qualificado, que esteja preparado para as diversas situações e possibilidades de uma sala de aula.

Como destaca Corbellini:

Educar extrapola o transmitir conhecimentos e implicam em agregar valores éticos, morais, afetivos, sociais aos cognitivos. Implica em desenvolver cidadãos com toda a sua capacidade para efetivamente assumir os seus direitos e deveres frente à sociedade que compõe. Implica em auxiliar o nosso aluno no seu desenvolvimento integral, tornando-o um sujeito autônomo, competente, criativo e responsável (CORBELLINI, 2012, p. 4).

Destaca-se que é uma busca que não deve ser somente da classe de professores e sim, de toda uma sociedade que acredita e procura a sua transformação através da educação. Buscar garantir esses direitos aos professores é possibilitar aos alunos um ensino que busque a prática reflexiva, que incentive à pesquisa e que utilize as TICs nessa construção, despertando um olhar crítico e o desejo de aprender.

4 CONTRIBUIÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS NO AMBIENTE ESCOLAR

A psicopedagogia é uma área do conhecimento comprometida com a melhoria das condições de aprendizagem, sendo necessário considerar os aspectos físicos, psicológicos e sociais do indivíduo. Com isso, o psicopedagogo institucional pode contribuir para o trabalho docente com o uso das tecnologias.

Possibilitando situações de reflexões, compreendendo as dificuldades e trabalhando as possibilidades do uso das tecnologias nas turmas de alfabetização, desperta as potencialidades de se realizar propostas desafiadoras.

Assim, o psicopedagogo institucional pode juntamente com a equipe escolar pensar situações que possibilitem incentivar o uso das tecnologias, valorizando esse recurso tão presente

no nosso cotidiano.

Muitos acreditam que o psicopedagogo institucional vai solucionar todos os problemas existentes na escola como indisciplina, evasão, dificuldade de aprendizagem e desestímulo dos professores. Mas, na verdade, o psicopedagogo entra na escola para ver o “todo” da instituição.

Podendo auxiliar o professor, o psicopedagogo institucional busca caminhos para, junto com o professor, pensar situações que possibilitem encontrar a superar a dificuldade da aprendizagem. E, o utilizar as tecnologias como recurso pode tornar mais atrativa e desafiadora essas propostas.

Bossa (1999) salienta que a psicopedagogia deve auxiliar ao professor e aos demais profissionais nas questões pedagógicas e psicopedagógicas, orientando os pais, colaborando com a direção, para que haja um bom entrosamento entre todos os integrantes da instituição e principalmente, ajudando ao aluno que esteja sofrendo, qualquer que seja a causa. Por isso seu trabalho deve ser preventivo e contemplar a instituição escolar como um todo.

Ao iniciar um trabalho psicopedagógico na escola é preciso fazer uma reflexão individual e grupal sobre as próprias aprendizagens. Também devem existir momentos para aprofundamento teórico sobre as diferentes áreas do conhecimento que explicam como se dá a construção do conhecimento humano (VERCELLI, 2012).

Mesmo com as tecnologias estando presente no nosso cotidiano, para muitos educadores ainda se torna complexo inserir esse recurso em suas práticas, pois muitas vezes, o conhecimento do aluno com as tecnologias é maior que o do professor e se torna difícil aplicar propostas desafiadoras, e assim, acabam deixando de lado esse recurso.

Para Fernández:

Um espaço importante da gestão do saber psicopedagógico é o trabalho de autoanálise das próprias dificuldades e possibilidades no aprender, pois a formação do psicopedagogo, assim como requer a transmissão de conhecimentos e teorias, também requer um espaço para a construção de um olhar e uma escuta psicopedagógica a partir de uma análise de seu próprio aprender (1990, p.130).

Refletir nas suas dificuldades, avaliar suas propostas e buscar novas possibilidades, faz com que o professor projete novos caminhos que facilitarão no processo de aprendizagem dos seus alunos.

Pensar num planejamento que faça sentido para os alunos e oportunizar situações desafiadoras com o uso das tecnologias, podem fazer com que, o professor alfabetizador e o psicopedagogo institucional, juntos entendam a forma como cada sujeito aprende e respeitem a necessidade demandada por ele para a formulação e ampliação do próprio conhecimento.

5 CONCLUSÃO:

O mundo atual muda com uma rapidez difícil de ser acompanhada, deixando a sensação de

impotência de atuar, dificuldade de alcançar e medo de paralisar e não conseguir atingir as necessidades e desejos de nossos alunos.

Com os alunos em processo de alfabetização, podemos cair nas fórmulas antigas e na repetição de velhos hábitos, acreditando nas concepções que já deram certo e que podem ser repetidas. Por isso, é preciso ficar atento, reavaliando nossas práticas, buscando novas possibilidades. É uma busca árdua e infinita, mas certamente, gratificante e produtiva para o educador e de grande valia para o educando.

Valorizar e estimular o processo de alfabetização respeitando a individualidade de cada educando e entendendo as práticas sociais do letramento aliado ao uso das tecnologias, propicia-se aos alunos situações significativas de aprendizagem.

Assim, a atuação psicopedagógica tem como base o pensar, a forma como o aluno pensa, faz relações e os caminhos percorridos para chegar naquele resultado, e não propriamente o que ele aprende. É buscar compreender como eles utilizam os elementos do seu sistema cognitivo e emocional para aprender.

Por isso, não podemos reproduzir, com o uso das tecnologias, os velhos hábitos de ensino e aprendizagem transmissivos, e sim fomentar novas formas de aprender e ensinar em que o docente seja o mediador de um diálogo que transcenda a sala de aula para incorporar os novos espaços abertos pelas TICs. É preciso promover concretamente, situações de mudanças essenciais na forma de ensinar e aprender.

Planejar-se a passagem de uma epistemologia realista centrada na transmissão de conhecimentos “verdadeiros”, consolidados, para uma gestão de incerteza, mais característica dos tempos atuais. Se, como disse Morin (1999), conhecer e saber não é apropriar-se de verdades, mas sim gerir a incerteza própria destes tempos, as TICs devem ser uma ferramenta essencial para dotar os alunos de competências para navegar nessa incerteza.

Requer-se realizar a passagem de uma gestão unidirecional do conhecimento (monológica) para uma gestão multidirecional (dialógica). Devemos passar das salas de aula nas quais só se ouve a voz do conhecimento estabelecido na voz do docente ou do livro de texto para um espaço dialógico, mas baseado em um diálogo muito diferente do que se produz nas redes sociais. Aqui não se trata de trocar opiniões, e sim de construir argumentos e conhecimentos através de um diálogo mediado pelo docente.

Analisar as TICs como ferramentas que permitem àquele que interage com a informação que não apenas a receba, mas que também a transforme, que produza novas representações a partir de conhecimentos compartilhados, baseados na troca de experiências, nos aproxima da ideia do aprendiz como construtor do próprio conhecimento.

Para que essas mudanças ocorram, é necessário não apenas dispor desses recursos

tecnológicos em sala de aula, mas também mudar a forma como professores e alunos concebem seu uso e suas funções, contando com um apoio psicopedagógico. Promover a mudança de concepções de ensino e aprendizagem, de uma perspectiva tradicional e direta, na qual a função da educação é transmitir aos alunos saberes estabelecidos, para uma prática interativa que envolva e tenha significados na vida dos alunos.

A formação docente requer desenvolver o espírito de inquietação tão importante para a boa prática da sala de aula, apontando novos caminhos para a atuação do educador no diálogo constante entre o sujeito e o conhecimento, na busca de transformações e na utilização das tecnologias.

É necessário que as tecnologias estejam dentro de nossas escolas, auxiliando no processo de ensino e aprendizagem. É preciso acreditar que as tecnologias sejam aliadas na tarefa de ensinar e que ela estimule e desperte a curiosidade de nossos alunos. E com isso, nossos professores precisam estar qualificados para que a interação do aluno com as tecnologias se dê de forma eficiente e reflexiva.

O objetivo do uso das tecnologias não pode ser entendido como uma substituição das atividades tradicionais, e sim explorar esses recursos de forma que facilitem e estimulem o processo de aprendizagem. Com isso, é necessário que o professor esteja preparado para lidar com as especificidades desses recursos e saiba usá-lo de forma eficiente, buscando estratégias que favoreçam o seu planejamento.

Ao psicopedagogo institucional cabe entender como se constitui o sujeito, como este se transforma em suas diversas etapas de vida, quais os recursos de conhecimento de que ele dispõe e a forma pela qual produz conhecimento e aprende em relação ao grupo e sua reação frente a este. O papel do psicopedagogo, assim contribui para a reflexão dos professores na possibilidade do uso das tecnologias nas turmas de alfabetização como um recurso desafiador e que pode auxiliar no processo de construção de conhecimento.

REFERÊNCIAS:

ALVES, Rubem. **O desejo de ensinar e a arte de aprender**. Fundação Educar Dpaschoal. Campinas: Editora Modelo, 2009.

ALVES-MAZZOTI, Alda Judith. **Usos e abusos dos estudos de caso**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v.36, n.129, set./dez.2006

BECKER, Fernando. **Professor pesquisador**. Direcional, v.37, p.18-19, 2008

BOSSA, Nadia Aparecida. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

COLL, César; MONEREO, Carlos. e cols. **Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar**

com as tecnologias da informação e da comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CORBELLINI, Silvana. **A construção da cidadania via cooperação na Educação a Distância.** In: Simpósio Internacional de Educação a Distância SIED 2012 e Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância EnPED 2012, São Paulo, Anais do SIED, 2012. ISSN 2316-8722.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo.** 12 ed. São Paulo: Cortez, 2006

ENRICONE, Délcia (org.). **Ser professor.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

FAGALI, Eloisa Quadros; VALE, Zélia Del Rio do. **Psicopedagogia institucional aplicada: aprendizagem escolar dinâmica e construção na sala de aula.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada.** Porto Alegre: Artmed, 1990.

FERNÁNDEZ, Alicia. **O saber em jogo.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

FERNÁNDEZ, Alicia. **Os idiomas do aprendente.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

FERREIRO, Emilia; Teberosky, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente.** São Paulo: Paz e Terra, 2008.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro, Olympio – Unesco, 1973.

PERRENOUD, Philippe. **Construir Competências desde a Escola.** Porto Alegre: Artmed Editora, 1999.

PONTES, Idalina Amélia Mota. **A atuação psicopedagógica no contexto escolar: manipulação, não; contribuição, sim.** Revista Psicopedagogia. Vol.27, n.84. São Paulo, 2010

POZO, Juan Ignacio; ALDAMA, Carlos de. **A mudança na forma de ensinar e aprender na era digital.** Pátio. Revista Pedagógica, ano V, n. 19, p. 10-13, dez.2013/ fev. 2014.

SACRISTÁN, Gimeno. **Os professores como Planejadores.** IN: SACRISTÁN, Gimeno; GÓMEZ, Pérez A.I. Compreender e transformar o ensino. 4º ed. São Paulo: Artmed, 1998.

SAMPAIO, Marisa Narciso; LEITE, Lígia Silva. **Alfabetização tecnológica do professor.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SOARES, Magda. **Letramento.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização.** São Paulo: Cortez, 1995.

VERCELLI, Lígia de Carvalho Abões. **O trabalho do psicopedagogo institucional.** Revista Espaço Acadêmico. n.39. Dezembro, 2012.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente – O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores**. 3ed.. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WEISZ, Telma. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2000.